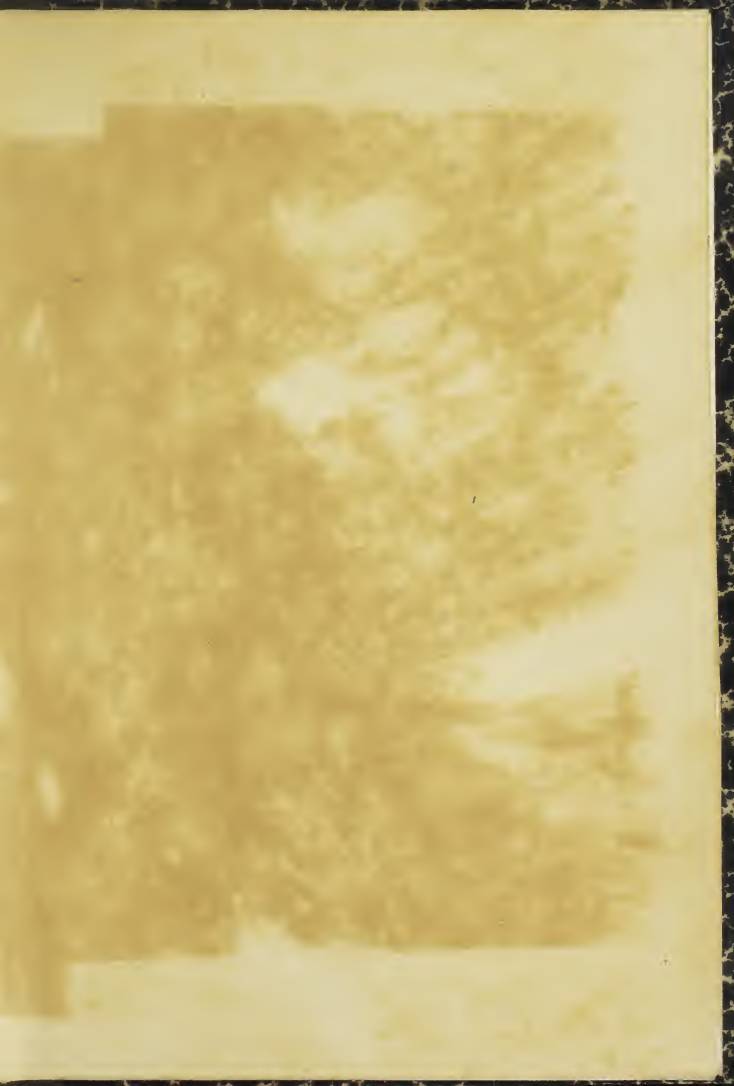
India:
M. de Morna
1747. (96)

PORTUGUESE JESUITS IN INDIA

FIGUEREDO, Manuel de, S.J. Sermam de accam de gracas pela victoria, que alcançou ... Marquez de Castello novo, conde de Assumar, Vice-Rey, e Capitam General da India, Do Bonsulo' Inimigo do Estado em 5 de mayo de 1746 e celebrou o nobre senado da camara da cidade de Goa. Lisbon: Francisco da Silva, 1747.

Small 4to., [36] pp. (last page blank). Woodcut headpieces and initials; large woodcut monograph with crown on last page. Fine, fresh wide margined copy. 19th century marbled boards.

FIRST EDITION of this very rare sermon celebrating the victory on the 5th of May 1746 over the "Bonsulo" (leader of the Indians). Since Francis Xavier's arrived in Goa, in Western India, in 1541 the Jesuits had set up missions and under Portuguese royal patronage, the order thrived in Goa and until 1759 successfully expanded its activities to education and healthcare. On 17 December 1759, the Marquis of Pombal, Secretary of State in Portugal, expelled the Jesuits from Portugal and Portuguese possessions overseas. Manuel de Figueiredo (1725-1801) was a Portuguese Jesuit who had taught grammar and logic at Coimbra before being sent to the Mughal court in India where he served as vice-chancellor at Agra, curate of Salsette, administrator of the Royal Hospital at Goa, and prosecutor of the province in 1756. DeBacker-Sommervogel notes that his name does not appear among those of the deportees. Only copy found in OCLC is in the National Library of Australia.
§ DeBacker-Sommervogel, suppl. IX, 337, no. 4.

SERMAM
DE ACÇAM DE GRAÇAS PELA VICTORIA,
que alcançou
O ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR
MARQUEZ
DE CASTELLO NOVO;
CONDE DE ASSUMAR,
VICE-REY, E CAPITAM GENERAL DA INDIA,
DO BONSULO'
INIMIGO DO ESTADO,

Em 5 de Mayo de 1746; e celebrou o nobre Senado da Camara

DA
CIDADE DE GOA
NA SE' PRIMACIAL:

PRE'GADO

PELO P. MANOEL DE FIGUEIREDO
Da Companhia de Jesus.

LISBOA:
Na Officina de FRANCISCO DA SILVA.

Anno de MDCCXLVII.
Com todas as licenças necessarias.

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTIS. SENHOR

D. JOAÕ

DE ALMEIDA E PORTUGAL,

CONDE DE ASSUMAR.

PREGUEY este Sermaõ de Acçaõ de graças em Goa, e vay buscar a V. Excellencia em Pariz,

 sem

ſem que o embarace nem a diſtancia, que ainda que, foſſe mais remota, ſempre teria a meſma força o motivo de o dedicar a V. Excellencia; nem a imperfeição da fórma, que o desfigura, porque o facilita a confiança de ſer taõ relevante a materia, que o recommenda. Ella he a que move, e incita o meu reſpeito a offerecello a V. Excellencia, para que o mais fino ouro da copia do ſeu genio nobiliſſimo receba lá mais perto mais precioſos eſmaltes do ſeu original. E ſem embargo de conſiderar que ſeu grande eſpirito cultiva em terreno eſtranho com as illuſtres qualidades da natureza as mais ricas prendas das virtudes, (q̃ de ſujeitos grandes ainda de mais longe ſempre a fama deixa perceber ſua reſpiraçaõ oloroſa, como aquellas flores, de que

falla

falla Plinio , cuja fragrancia pedẽ alguma auſencia do olfato , e muita diſtancia entre o ſentido , e as meſmas flores) com tudo atrevome a dizer , ſem accuſar os acertos da ſua reſoluçaõ , nem cenſurar vencidas as ternuras do amor paterno , por ter V. Excellencia entregue as chaves da ſua liberdade a quem tem todo o direito nos ſeus arbitrios , que bem pudera , ſem ſahir de Portugal na verdura da primavera , ou em idade , em que começaõ a florecer os penſamentos, receber em aula domeſtica toda a cultura a grande capacidade de ſeu eſpirito , em que diſpoz a Providencia tanta ſolidez em o juizo, quanta he a viveza no engenho.

Quorum odor ſuavior, è longinquo , propiùs admotus hæbetatur. Plin. lib. 21. cap. 7.

Para todas as Sciencias , ou Artes, que nenhuma conſidero inacceſſivel á ſua ampliſſima comprehenſaõ,

benſaõ, terá V. Excellencia encontrado muitos, e ſingulariſſimos Meſtres, que lhe poſſaõ imprimir regras taõ uteis, como diſcretas: porêm ſem principios eſtranhos, ou ſubſidios alheyos pudéra V. Excellencia aperfeiçoar-ſe na Eſcóla da ſabedoria de ſeu eruditiſſimo Pay o Senhor Marquez de Caſtello novo, Vice-Rey deſte Eſtado, em quem acharia recolhida, ou recopilada, como em hum ſó tronco, toda a fertilidade do Paraiſo, huma collecçaõ de todas as inſtrucçoens, e univerſaes aſſumptos, que a diſcriçaõ de Caſiodoro celebra diſtribuidos como acerto, e juntos em hum ſó ſujeito como maravilha. Ja na Academia Real Portugueza, onde ſe diſtillaõ as Sciencias, admiravaõ os Doutos as ſuas virtudes intellectuaes, e moraes, como fonte

Habent hæc ſigillatim diſtributa præconium, conjuncta miraculum. Caſiod.

te

te donde manaõ tantas reflexoens, e dictames, assim theoricos, como praticos, que puderaõ ser emprego do estudo, e curiosa observaçaõ de V. Excellencia, assim como o tem sido do applauso, e da admiraçaõ; porque quem naõ póde individuar os rayos a hum Sol, mal poderá remontar-se com elogios á sua esfera. V. Excellencia, que delle bebeo, como Aguia, as primeiras luzes, virá tempo, em que, batendo as azas, e fatigando mais alto os vôos, chegue a descobrir com os olhos o que só se permitte aos discursos.

Magnorum laus est admiratio. Arist. ap. Franc. Gonç.

Ah Senhor! Bem sei que ninguem se atreverá a disputar ser todo o mundo paiz para seu excellente engenho: mas quantos documentos teria estudado V. Excellencia, se a sua sujeiçaõ, mais attenciosa

aos

aos deſignios paternos, naõ cortaſſe as cadêas amoroſas, que tinhaõ vinculado eſſe docil entendimento á diſcretiſſima eloquencia de quem ainda taõ diſtante o eſtá inſtruindo com o exemplo no governo deſta Conquiſta, em que preſide, e peleja igualmente com as maximas, que com as tropas! Aquelle meſmo eſpirito, que moveo a ſeu grande Pay a procurar-lhe na mais polida Corte de Europa a melhor educaçaõ; aquelle zelo, aquelle amor, com que deſeja aperfeiçoar os dotes, com que a natureza adornou a adoleſcencia, e infancia de V. Excellencia, eſte meſmo o move a lhe procurar com as glorioſas acçoens do ſeu valor o melhor documento, tendo-lho ja d'antes preparado para a ſua inſtrucçaõ nas acçoens militares dos Exercitos em Cataluna,

luna, e nas politicas da America: faltava só a Asia para ser, como hoje he, theatro deste Heróe, talvez para renovar a memoria daquelles famosos, e nunca esquecidos Almeidas, que ennobrecerão igualmente com as suas pessoas, que com as suas façanhas todo este continente.

Creyo que a applicação á historia, em que V. Excellencia se entretem quando descança do estudo das Sciencias, lhe fará com gosto deleitavel ler assim na antiga, como na moderna as acçoens domesticas de seus illustres Progenitores, e nellas verá V. Excellencia o valor de hum D. Francisco de Almeida primeiro Vice-Rey da India, que em hum só dia, e com hum só golpe destroçou as armadas do Egypto, e Cambaya; verá a intrepidez,

B *com*

com que com outro D. Pedro de Almeida ſeu Irmaõ aſſiſtiraõ no cerco de Dio ſempre com as armas veſtidas, ſempre conſtantes no perigo, e ao trabalho promptos; e ſahindo da Fortaleza acompanhados de cem Soldados a pelejar com grande poder de Mouros, deixaraõ mortos 300 inimigos, e ſe recolheraõ todos com vida, com fruto, e com gloria. Verá outro D. Franciſco de Almeida igual aos dous tanto na razaõ de Irmaõs, como na da valentia, com que em hum baluarte minado ſuſtentou morto o lugar, que defendera vivo. Emfim verá V. Excellencia entre outros muitos dos ſeus memoraveis Aſcendentes, a quem os Eſcritores lavraõ bem merecidas Eſtatuas, que eſtes generoſos Capitaens cimentaraõ com as proezas, e com o ſeu ſangue os nobres funda-

mentos

mentos deste algum tempo vasto dominio, transmittindo á posteridade de seus Preclarissimos Successores os gloriosos exemplos, que devem imitar.

Mas que exemplo mais glorioso procura V. Excellencia nas historias, ou que melhor Mestre em terra estranha, que naõ ache em hum Pay, que he a honra da Patria, honra da sua illustre Casa, e honra deste Estado? Na sua espada, que conserva ainda quente com o sangue dos vencidos, no intrepido valor, com que continua o dos do seu Appellido, mas naõ as desgraças, no desprezo dos perigos, e em todas as suas heroicas acçoens lhe prepara o documento mais generoso, e a doutrina mais qualificada; para que sirvaõ assim de instrucçaõ, como de estimulo para a gloria, e

para os triunfos, que ainda naõ tardaõ, e se esperaõ de V. Excellencia; sendo este o melhor espelho, a que se componha, para os conseguir, e alcançar.

Aspice, ut emendes. Lem. Phel. Picin.

Acceite pois V. Excellencia hũa offerta, que ainda que humilde por sahir das minhas maõs, aquelle amorosissimo affecto, com que V. Excellencia venera, e venerou sempre a quem lhe deo o ser, lhe dará valor. Acceite, Senhor, hũa offerta digna de V. Excellencia, e grande, por ser huma das acçoens, que deixa na India immortal o nome de seu glorioso Pay, elevando hum Colósso á sua grandeza, por restaurar o credito, e a reputaçaõ dos Portuguezes ha tanto tempo ou abatido, ou eclipsado com as trevas da infelicidade. E em quanto vay polindo as suas prendas entre

Affectus pretium rebus imponit S. Ambr. l. 2. de Offic. c 3

as

as Sciencias, e as Artes, detenha-ſe hum pouco com eſte precioſo embaraço; porque tambem Marte tem muito de Mercurio: e acontecerá, como ſe eſpera, que invejando ditoſamente as glorias paternas, ſe accenda em empenhos de mayor honra, e em fervoroſas ancias de dilatar mais a ſua fama, ſentindo arder em ſeu eſpirito á viſta das conquiſtas de Philippe as impaciencias de Alexandre. N. Senhor guarde em toda a proſperidade a peſſoa de V. Excellencia. Goa 25 de Outubro de 1746.

B. a M. de V. Excellencia

Manoel de Figueiredo.

Dextera tua, Domine, magnificata eſt in fortudine, dextera tua, Domine, percuſſit inimicum. Et in multitudine gloriæ tuæ depoſuiſti adverſarios tuos.

Exodi XV.

OM eſtas palavras, meu Deos, e unico Senhor dos Exercitos, com eſtas palavras reconheceo em acçaõ de graças Moyſés, famoſo Capitaõ General de Iſrael aſſiſtido dos Grandes, e pequenos da naçaõ Hebraica, a poderoſa aſſiſtencia de voſſa maõ direita contra os Egypcios: e com as meſmas reconhece na preſente occaſiaõ Moyſés de Portugal, Capitaõ General da India, naõ menos famoſo pelo valor, que pela piedade, acompanhado das claſſes da Nobreza, e popular, as poderoſas attençoens da voſſa meſma maõ contra os Bonſolós. Com Moyſés de Iſrael aſſiſtio o Sacerdote Araõ; porque era acertado que quem ſegurava os ſucceſſos comvoſco, aſſiſtiſſe tambem aos voſſos louvores. Com Moyſés de Portugal aſſiſte, qual outro Araõ, o Superior Sacerdote deſta Igreja Primacial;

macial; porque he justo que quem rendeo o Ceo com oraçoens, esteja tambem presente nesta Basilica para o agradecimento. Moysés de Israel engrandeceo a Omnipotencia da vossa maõ na invicta fortaleza dos Hebreos: Moysés de Portugal engrandece vossa maõ Omnipotente no invencivel valor dos Portuguezes: *Dextera tua, Domine, magnificata est in fortitudine.* Moysés de Israel louvou a espada da vossa justiça, porque tirou as vidas a seus contrarios: Moysés de Portugal louva o poder da vossa misericordia, porque nos desaffrontastes com tantas mortes do opprobrio, e insolencia de nossos inimigos: *Dextera tua, Domine, percussit inimicum.* Moysés de Israel exaltou a vossa gloria, porque despovoastes dos seus presidios os que eraõ adversarios á vossa Ley: Moysés de Portugal respeita a honra do vosso santo nome; porque posto da parte de vossos fidelissimos servos, desprezastes os infieis, e os lançastes fóra das suas Fortalezas, triunfando sobre ellas as vossas Chagas nas nossas bandeiras. E assim diz com igual, se naõ com mayor propriedade: *Et in multitudine gloriæ tuæ deposuisti adversarios tuos.* Todos estes affectos de publico reconhecimento, e acçaõ de graças, espero que tenhaõ lugar na acceitaçaõ do vosso divino acatamento; pois tanto estimais a gratidaõ, com que se fazem publicas as memorias dos vossos beneficios. Mas como para a sua ponderaçaõ necessito do beneficio da vossa graça, vossa Mäy Santissima, que foy, he, e será sempre

media-

medianeira das nossas victorias, o seja tambem agora para vencer as difficuldades do meu discurso.

A V E M A R I A.

Dextera tua, Domine, magnificata est in fortitudine &c.

O Primeiro affecto deste publico reconhecimento, e acçaõ de graças, Excellentissimos Senhores, consiste em confessarmos o beneficio do valor, com que a Omnipotencia Divina, que por ella entendem os Interpretes litteraes a maõ direita de Deos, fortaleceo os braços, e os coraçoens dos nossos Portuguezes para a victoria, que alcançaraõ de hum inimigo do Estado, da Fé, e da Igreja, no dia 5 de Mayo proximè passado, em que o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez Vice-Rey, mettido tambem no perigo, empenhou para o governo das nossas Armas o seu cuidado: dia sempre memoravel; porque nelle ouvio Deos a Oraçaõ do Santo Pontifice Pio V, que entaõ cantava universalmente a Santa Igreja: *Deus, qui ad conterendos Ecclesiæ tuæ hostes, & ad Divinum cultum reparandum Pium quintum Pontificem maximum eligere dignatus es: fac nos ipsius defendi præsidiis, & ita tuis inhærere obsequiis, ut omnium hostium superatis insidiis, perpetuâ pace lætemur.*

Brev. Rom. ex Offic. prop.

Sabendo os que tem lido, ou ouvido as

hiſtorias, as proezas, e conquiſtas, que por meyo dos Portuguezes obrou nos tempos paſſados a Omnipotencia Divina em todo eſte Imperio Luſitano Indico, que conſtava de oito mil legoas de Senhorio, de vinte e nove Cidades cabeças de Provincias, fóra outras muitas de menos conta, e dava leys a trinta e tres Reynos tributarios, com que poz em admiraçaõ ao mundo; tem viſto tambem depois com ſeus olhos cheyos de lagrimas, que ſe trocaraõ taõ infelizmente as ſortes, que os que foraõ deſpojos do noſſo valor, vieraõ a ſer roubo da ſua cobiça. E ſendo para ſentir tantas terras, tantos mares, e tantos cabedaes perdidos, naõ podia deixar de augmentar a noſſa dor o ver que hum Gentio ſoberbo, e atrevido, hum infiel aſſim nas palavras, como nas obras, tanto a Deos, como aos homens, depois de nos roubar tantas vidas, e tantas fazendas, perdendo toda a veneraçaõ, e temor, que antes nos tinha, quizeſſe tambem roubar-nos a honra do nome Portuguez taõ celebrado nos Annaes da fama. Parece que o Anjo, que Deos deſtinou para Cuſtodio deſte Eſtado, ſe hia eſquecendo do ſeu miniſterio; parece que Deos nos tinha deixado da ſua maõ, que eſtavamos eſquecidos da ſua memoria, e que favorecendo a parte dos infieis, a quem tantas vezes vencemos, nós eramos o exemplo dos ſeus rigores, e o deſpojo da ſua ira. Aqui me vem á memoria o que ſuccedeo a Samſaõ.

As mais prodigioſas victorias, com que ne-

nenhum homem aſſombrou o mundo, foraõ as que Samſaõ tinha alcançado dos Philiſteos, e depois eſtes meſmos o deſprezaraõ. Porém aſſim como a Providencia Divina attendeo para a vingança das injurias, que os Philiſteos fizeraõ a Samſaõ, attendeo tambem para as muy juſtas, e qualificadas razoens, que havia de nos deſaffrontarmos das deſattençoens, e damnos, com que o Bonſoló tinha aggravado a reputaçaõ Portugueza. Por iſſo Deos, para moderar as ſuas rebeldias, para caſtigar as ſuas inſolencias, e pôr termo ás deſconſolaçoens, que o Eſtado padecia, com o preſente remedio, que deſejava; apartando os olhos das noſſas ingratidoens, os poz na ſua piedade, e eſcolheo hum ſujeito de cujos talentos fiava que havia de lançar maõ ſeguramente da eſpada; pois ſabendo-a tantos cingir, nem todos a ſabem deſembainhar. Quando Chriſto entrava em batalha, para pelejar, e derramar o ſangue, parecendo que o orgulho de Pedro em cortar orelhas era grande premiſſa de confiança para o ter ao ſeu lado, com tudo mandou-lhe metter a eſpada na bainha: *Mitte gladium tuum in vaginam.* Pois tanto vay de Pedro a Pedro? Se ambas as occaſioens eraõ arriſcadas, porque a hum manda que a recolha, e a outro que puxe della? Porque bem ſabia de quem a fiava. Quem naõ entra na peleja, quem ſegue de longe o conflicto: *Sequebatur eum à longe*, de que lhe ſerve a eſpada? embainhe-a: *Mitte gladium tuum in vaginam.* Mas quem deſpreza os perigos, quem aſſiſte á

Joan. c. 13. verſ. 11.

occaſiaõ da guerra, quem fomenta o fervor das armas, e as governa de perto, eſte ſim, eſte ha de ſer o eſcolhido, e ha de conſeguir o fim, para que Deos o eſcolheo, e lograr o bom ſucceſſo, para que o ſeu valor o empenhou. Para o vermos, vamos ſeguindo a marcha do noſſo Exercito, em que eſte ſeu primeiro movel, expoſto igualmente para o trabalho, que para a fortuna, naõ eſtima mais a vida propria, do que as alhêas, que deixou taõ recommendadas por todos os Templos de Goa.

Quem viſſe entrar a noſſa gente, e buſcar por paiz eſtranho ao inimigo, poderia recear por trabalhoza, e duvidoza a empreſa, porque era buſcallo em ſua caſa, e eu a recearia tambem, mas naõ neſta occaſiaõ. Pois quando? Quando ſe foſſe buſcar nella o alheyo. A guerra, que Joſue fez mais juſta, foy quando entrou pela terra de Promiſſaõ; porque as eſcripturas de que conſtava ſer ſua, eraõ as meſmas Eſcripturas Sagradas: e por hum Soldado ſe atrever aos deſpojos de Jericó, que eraõ alheyos, foy vencido o exercito nos muros de Hay. Mas o noſſo hia buſcar o que era ſeu, e bem ganhado; e como marchava diante delle a juſtiça da ſua cauſa, ja levava ſeguros os paſſos. Foy o que quiz dizer David no Pſalmo 84: *Juſtitia ante eum ambulabit, & ponet in via greſſus ſuos.*

Pſal. 84. verſ. 14.

Ninguem póde negar que os Portuguezes, pelas muitas maravilhas, que tem obrado com as armas nas maõs, ganharaõ o nome de mais valoroſos, e esforçados entre todas as na-

çoẽs

çoens do mundo : e como aos olhos de tantos Europeos, e Afiaticos eftava o Bonfoló roubando nos atrevidamente a reputaçaõ do noffo valor, e do noffo esforço, foy neceffario bufcallo para recuperar a que elle nos hia roubando, e a que nós hiamos perdendo. E recuperámo-la nós? Seria ingratidaõ callar o beneficio de Deos: *Non verecundæ, fed ingratæ mentis indicium eft beneficia tacere Divina*, diz S. Maximo. Recuperámos, e com tanta admiraçaõ da valentia Portugueza, que podemos, e devemos confeffar todos agradecidos a Deos, que naquelle dia venturofo amanheceraõ para noffa alegria as enchentes da fua mifericordia: *Repleti fumus manè mifericordia tua: & exultavimus, & delectati fumus*; e com brevidade taõ venturofa, que fem fer neceffario mandar parar ao Sol, que rayava do feu Oriente para fer clara teftimunha do noffo esforço, e da noffa ventura, conquiftou, e fenhoreou fua Excellencia a Praça de Alorna, taõ formidavel a feus vifinhos, como importante a noffos intereffes: aquella mefma Alorna, que ha 42 annos inveftida pelas noffas tropas, e affeftada ja a artilheria, fe teve por ardua a emprefa, e por prudente a retirada: aquella mefma, que em outros dous Governos differentes, e pofteriores fe intentou conquiftar, e defvaneceraõ fempre as emprefas as fuas difficuldades: emfim aquella mefma Alorna, a qual o Bonfoló tanto reputava por feu Antemural inconquiftavel, que eftimava que os Portuguezes a attacaffem, prefumindo que no fitio perderiaõ

S. Max. Ser. 1 anniverf. Affumpt. ad Pontificatum 1.

Pfal. 89. verf. 14.

deriaõ as ſuas forças, e ſe lhe offereceria a occaſiaõ de os reduzir á ſua ultima ruina: mas foy o ſucceſſo agora taõ contrario á ſua preſumpçaõ, que foy lançado fóra della dentro de tres horas. Em outro tanto tempo lançou Deos a Adam fóra do Paraizo. E aſſim como, para naõ tornar a entrar nelle Adam, poz Deos a hum Anjo á porta com huma eſpada na maõ; aſſim eſperamos nós que aquelle Anjo, aſſim no nome, como no officio, que deſembainhou a ſua para o inimigo ſahir, a conſerve deſembainhada para inteiramente o expugnar, e ſegurar as chaves, que alli tomou da maõ de Deos, como Pedro as da Igreja; para ſer, como Pedro, pedra fundamental das noſſas felicidades. Neſta occaſiaõ ſe deixou ver, que ſe para hum grande empenho baſta hum coraçaõ preciſamente grande, para huma empreſa donde retrocederaõ coraçoens de tanta esfera, era neceſſario hum eſpirito ſupremo, e heroico com eminencia. Por iſſo foy conveniente que ſe viſſe a tantas luzes o combate, para que o valor Portuguez, que apregoavaõ como linguas mudas os reſplendores do Sol, naõ ficaſſe ſepultado nas trevas da opiniaõ.

Porém valha-te Deos, ó mundo, que ſempre houve em ti diſcurſos precipitados para porem tacha em tudo; e quando lhes parece que eclipſaõ glorias, abrem campo para mayores luzimentos! Naõ ſey donde ſe diffundio (naõ me eſtranhem, ou condenem fazer publico o que he taõ manifeſto) que alguns criticos,

que

que antes da occasiaõ faziaõ liga contra os occultos designios, com que se dissimulavaõ tantos atrevimentos ao inimigo; depois della se fizeraõ Juizes do perigo, a que se expuzera o Estado com temeraria ousadia de murchar a sua flor, e acabar de enfraquecer o seu corpo. A similhante linguagem, que costuma articular ou a emulaçaõ, ou a ignorancia, estiveraõ sempre sujeitos os mayores Heróes: e quem os iguala nos merecimentos, naõ he muito que corra com elles parelha nas pensoens. Porém ainda que sejaõ desculpaveis estes Censores, ou pela pusilanimidade, e fraqueza de coraçaõ, ou por má intelligencia do vulgo, que naõ sabe que quer dizer temeridade; com tudo, como estas qualidades saõ a muitos, e muitas vezes occultas, sempre tem lugar a suspeita. Naõ quero dizer de que. Só naõ callarey o porque de naõ ser bem fundada a censura, a quem quadra melhor o nome de temeraria. E para o descobrir naõ he necessario mais do que allegar exemplos, e esses naõ os estranhos, porque sobejaõ os domesticos.

Se eu, ó Portuguezes, se eu tivesse virtude de resuscitar mortos, em nenhuma outra occasiaõ mais do que agora, e em nenhum outro lugar mais do que neste, faria que apparecessem vestidos de carne, e de espirito os ossos daquelles Varoens assignalados, que na India deixaraõ perennes memorias da sua valentia: dos Almeidas, dos Albuquerques, dos Castros, dos Ataides, dos Pachecos, dos Galvoens, dos

Freires

Freires de Andrades, dos Silvas; e dos Monizes Barretos, para declararem de que modo defenderaõ, e conservaraõ esta Conquista. Mas fallem por elles as terras do Camory, Calecut, Cambaya, Goa, Tidore, Chaúl, Cananór, Ceylaõ, e todo este Oriente, que foy theatro glorioso do seu valor. Fallem, que ainda existem, as campanhas, onde aquelles grandes homens, buscando com muito desigual poder seus inimigos, os venceraõ, desbarataraõ, e puzeraõ em confusaõ. Fallem, que ainda existem, as campanhas, onde com estas chamadas temeridades celebraraõ seu nome, ganharaõ fama, e nos enriqueceraõ de gloria: e por ventura muitos naõ seriaõ hoje o que saõ, se elles naõ fossem o que foraõ. Nenhum daquelles insignes Capitaẽs esperaraõ q̃ seus inimigos os buscassem, por mayor, e mais excessiva que fosse a sua multidaõ; porque como em seus coraçoens naõ cabia temor, naõ tinhaõ por temeridade o accommetter, avaliavaõ por menos gloria o esperar.

Em caso similhante ao nosso, se leres o cap. 14 do primeiro livro dos Reys, naõ haveis de achar clausula, que notasse a Jonathas de temerario, quando sahio a buscar os Philisteos: e havia mais razaõ de o notar; porque sahio do corpo do Exercito acompanhado de hum só pagem: *Dixit autem Jonathas ad adolescentem armigerum suum: Veni, transeamus ad stationem incircumcisorum horum.* E accõmettendo Jonathas a seus inimigos com menos auxilios, do que os nossos Soldados, em que fiava o bom successo da

Lib. 1. Reg. cap. 14. vers. 6.

da ſua animoſidade? Sabeis em que? Em os buſcar, e naõ eſperar por elles: *Aſcendamus, quia tradidit eos Dominus in manibus noſtris.* Pois fallando agora do Ceo abayxo, e tambem acima, mayores razoens tinha o Bonſoló para temer, que Deos o entregaſſe nas noſſas maõs, do que nós, quando o fomos buſcar, cahir nas ſuas; porque nunca a gravidade, e fidelidade Portugueza quebrou os vinculos da boa correſpondencia, e elle ſim, e muitas vezes. Naõ nos foy traydor aquelle perfido? Naõ faltou ás ſuas promeſſas aquelle falſario? Naõ provocou a ira de Deos, e a dos Portuguezes taõ Catholicos aquelle barbaro, entrando, e aſſolando as noſſas terras? Lembra me ter lido em hum graviſſimo Orador, que as batalhas ſaõ deſafios grandes, e ter aguardado no poſto nunca deixa acreditado a quem naõ ſahio. Se os noſſos entaõ ſahiſſem, póde ſer que elles naõ entraſſem, e naõ cõmetteriaõ taõ horrendos ſacrilegios na deſtruiçaõ das Igrejas, e deſacato dos vultos, e eſtatuas dos Santos, que he o que mais ſentio; e devia ſentir a piedade Chriſtaã: mas graças a Deos, que ja os temos vingado. Conſta do Texto Sagrado, que por Jeroboaõ levantar a maõ para hum Profeta, ſe lhe ſeccou logo o braço milagroſamente. E que eſperavaõ eſtes infieis, eſtes ſacrilegos, que ſe atreveraõ a affrontar os Santos de Deos, ſenaõ perder todo o vigor dos braços; paraque quando os buſcaſſemos cahiſſem enfraquecidos nas noſſas maõs? *Aſcendamus, quia tradidit eos Dominus in manibus noſtris.*

Ibid. v. 10.

Da noſſa parte naõ eraõ menos juſtos os motivos, para que a maõ de Deos Omnipotente ſe exaltaſſe, fortalecendo neſta occaſiaõ as maõs dos noſſos Soldados; porque nas ſuas veas vivem ainda hoje aquelles Varoens, que aſſinaladamente morreraõ por defender, e conſervar eſta Conquiſta, por dilatarem o Santo Nome de Deos entre tanta infidelidade, por levantarem o Eſtandarte da Cruz, por deſtruirem tantos Pagodes, fabricarem tantos Altares, e banharem tantas almas no ſangue, e agoa, que correo do Lado de Chriſto, fonte Sagrada dos Sacramentos. E á viſta deſtas bem fundadas razoens, quem póde juſtamente dizer que foy temeridade o que foy valor, o que foy acerto, o que foy graça, e o que foy beneficio da maõ direita de Deos: *Dextera tua, Domine, magnificata eſt in fortitudine*? Diga-ſe o que o povo Iſraelitico diſſe de Jonathas, quando ſeu Pay Saúl o condenou á morte: *Ergo ne Jonathas morietur, qui fecit ſalutem hanc magnam in Iſrael*: Naõ ha de morrer, viva Jonathas, que ſalvou o povo de Iſrael; e digamos todos: Viva o noſſo novo Conquiſtador, vivaõ os Portuguezes, a quem Deos eſcolheo por defenſores da ſua Fé, viva o ſeu nome, viva a ſua fama; porque ſalvaraõ a reputaçaõ das armas de Portugal: *Ergo ne morientur Luſitani, qui fecerunt ſalutem hanc magnam in Iſrael.*

Ibid. verſ. 45.

Eſte he o primeiro affecto deſte publico reconhecimento, e acçaõ de graças: paſſemos ao ſegundo, e envolvamos nelle o terceiro, por

porque em ſimilhantes occaſioens ; ſendo as mais funçoens todas compridas , querem que ſó os Sermoens ſejaõ mais breves.

E que ſe podia ſeguir , ou que ſe ſeguio de tanto valor , e de tanto esforço, com que a maõ direita de Deos fortaleceo os coraçoens dos noſſos Soldados ? *Non poſſumus nos , quæ vidimus, & audivimus , non loqui.* O que viraõ os noſſos olhos , e eſcutaraõ os noſſos ouvidos ; grande mortandade no inimigo : *Dextera tua , Domine, percuſſit inimicum*; e a perda, que tiveraõ de duas fortalezas de Alórna , e Bicholim , onde ſe deixaõ ver hoje tremolando glorioſamente as Sagradas Quinas de Portugal ; *Et in multitudine gloriæ tuæ depoſuiſti adverſarios tuos.* A primeira , em que nenhuma das mayores difficuldades embaraçou a reſoluçaõ ; a ſegunda , em que para a ſua guarniçaõ a abandonar , nem ſe fatigaraõ as noſſas tropas , nem ſe fizeraõ aproches ; nem ſe formaraõ baterias de artilheria , e morteiros , nem ſe abriraõ brechas , que foraõ os meyos, com que no anno de 1726, depois de hũa vigoroſa defenſa , conſeguio o Eſtado o ſeu rendimento. Aquella, em que Sua Excellencia igualou a Ceſar ; porque logo que chegou , vio , e venceo : eſta , em que o meſmo Ceſar lhe pudéra ter inveja ; porque para vencer , nem foy neceſſario ir , nem foy neceſſario ver. Huma, em que venceo o ſeu valor, e outra,em que triunfou o ſeu reſpeito. Eſpecioſo problema ſe offerecia agora para diſcutir ao meu diſcurſo: De qual das duas Fortalezas reſultou mayor credito , e

Act. Apoſtol. c. 4. v. 20.

mayor gloria? ſe da primeira, que ſe ganhou ao valente rigor das noſſas armas; ſe da ſegunda, onde o inimigo deſenganado da ſua fraqueza fugio á rigoroſa inſtancia do ſeu pavor? Mas fique a deciſaõ para os curioſos.

He ſem duvida que ſabendo o Queima Saunto do noſſo intento, e reſoluçaõ, eſperava o noſſo Corpo, prevenido com grandes preparaçoens de faxinas, demaſiadamente confiado na ſua fortificaçaõ, na ordem, diſpoſiçaõ, e induſtria de 1757 ſetteiras, que a defendiaõ, em dous foſſos, que a cercavaõ, nos telhados, que a cobriaõ, e reſguardavaõ da violencia do noſſo fogo, e ſobre tudo nas ſuas maõs, que eraõ muitas, e bem guarnecidas de muita variedade de armas offenſivas, as quaes, ainda que naõ pudeſſem fazer mudança nos coraçoens dos noſſos Soldados, olhando para Deos, podiaõ-lhes alterar o cuidado, olhando para ſi, que pelejavaõ deſcubertos, ſem outras peças de bater mais que com os ſeus peitos nos muros. Mas muitas graças ao Altiſſimo, que ainda que era grande a ſua defenſa, e muitas as maõs dos defenſores, ſendo as noſſas huma ſó maõ, naõ lhe puderaõ, nem podiaõ reſiſtir; porque era maõ de Deos. Eſta maõ foy a que applicou o fogo aos Petardos, a que rompeo as portas da Fortaleza, e conſtituio tantos cadaveres: *Dextera tua, Domine, percuſſit inimicum.* E para que foſſe proporcionada a materia de ſua gloria, foraõ muitos mais os que ficaraõ, ou ſahiraõ mortos, do que os que ſahiraõ vivos: *In multitudine*

titudine gloriæ tuæ depoſuiſti adverſarios tuos. E maõ, que obrou tantas maravilhas, juſto he que ſeja o emprego dos louvores humanos.

Aſſim o fizeraõ os Juſtos, que refere Salomaõ, os quaes vendo-ſe mimoſos dos beneficios, que a maõ de Deos lhes fizera, occuparaõ todas as ſuas acçoens de graças em louvores da maõ victorioſa de Deos: *Victricem manum tuam laudaverunt pariter.* Naõ poſſo porém deixar de reparar: Se em Deos tudo he louvavel, porque lhe naõ louvaõ tambem os olhos, os ouvidos, e o coraçaõ? Nenhuma deſtas partes metaphoricamente attribuidas a Deos, ſendo taõ beneficas, lhes ha de levar os applauſos, ſenaõ a ſua maõ: *Victricem manum tuam laudaverunt pariter*? Sim, quizeraõ aquelles Juſtos enſinar-nos, que neſte dia devia ſó a maõ de Deos levar as noſſas acclamaçoens: porque ainda que os olhos Divinos viraõ compaſſivos as noſſas miſerias, os ſeus ouvidos eſcutaraõ as noſſas rogativas, e o ſeu coraçaõ ſe enterneceo com os noſſos ſuſpiros; com tudo, no poder, e virtude da ſua maõ ſe deixou ver a compaixaõ de ſeus olhos, a applicaçaõ de ſeus ouvidos, e a inclinaçaõ do ſeu amor: os olhos diziaõ vejo, os ouvidos diziaõ eſcuto, e o coraçaõ dizia quero; porém a maõ ſó dizia poſſo, e o que cada huma daquellas partes annuio amante, executou a maõ Omnipotente na grande mortandade, e expulſaõ dos noſſos inimigos, e tambem ſeus, e muito mais ſeus do que noſſos: *Percuſſit inimicum . . . Depoſuiſti adverſarios*

Sap.c. 10. verſ. 20.

rios

rios tuos. Digo mais ſeus do que noſſos; porque o odio daquelles barbaros foy contra Deos mais cruel, e mais ſacrilego. Se elles queimaraõ as noſſas caſas, a Deos deſtruiraõ lhe os ſeus Templos; ſe a nós nos privaraõ huma Provincia por algum tempo dos Santos Sacrificios, a Deos profanaraõ lhe os ſeus Altares: em fim a nós perderaõ-nos o reſpeito com medo, e a Deos negaraõ-lhe a veneraçaõ ſem temor.

Nunca o Bonſoló preſumio que havia de experimentar o que agora ſente, nem ſentir o que experimenta; porque nunca imaginou que nos aſſiſtiſſe a maõ de Deos. Os noſſos Soldados, ainda que muy valoroſos, tanto os obrigados, como os voluntarios, que compraraõ com o riſco das ſuas peſſoas a eterna fama de ſeus nomes, naõ pelejavaõ ſós, porque tinhaõ em campo junto de ſi a Sua Excellencia; mas para ſegurar a confiança de todos de todo o receyo, aſſiſtia a maõ de Deos tambem com elles. Ja por aſſiſtir com o Bautiſta a meſma maõ, reſultaraõ as ſuas excellencias, e maravilhas: *Etenim manus Domini erat cum illo.* E ſe a maõ, ou nas maõs eſtaõ as palmas: *Palmæ in manibus*, na palma da maõ de Deos levavaõ ja os noſſos Soldados ſeguras as acçoens maravilhoſas, com que acreditaraõ a naçaõ Portugueza na ſua victoria, eſpedaçando, e tirando vidas como leoens.

Luc cap. 1. v. 66.

Mas vejo, que alguns pódem dizer, que naõ foy a victoria taõ glorioſa, que naõ pagaſſe

gasse seu cambio com a vida de cinco Officiaes, e trinta e dous Soldados. E que novidade nos dizem de espanto? Se naõ he novidade perder batalhas, que espanto póde causar perder Soldados? Trinta e quatro notou a minha curiosidade mortos dentro de hum mez nas enfermarias, que administro: e naõ he menos mal morrer com gloria em huma campanha, que acabar sem nome em hum Hospital? Fallando hum douto Escritor da batalha, que ElRey Francisco de França perdeo em Pavia, reprehende a outro, que a nega; pois diz que perder hũa batalha hum grande Rey, naõ tem parte, porque seus affectos a callem, e muito mais quando he com tanto sobejo de valor. Pois se de huma batalha perdida se póde fallar sem perca da reputaçaõ, porque nella só se perderaõ os animos, quando se perderaõ as vidas; porque naõ nos gloriaremos nós de huma victoria alcançada, naõ se perdendo nella com a morte desses Soldados hum ponto do nosso credito, nem do seu? Todos os que morrem, nascem com a pensaõ de morrer; mas nem todos os que morrem acabaõ com pagar á morte a sua pensaõ: huns acabaõ, e morrem, e outros morrem, e naõ acabaõ; os que forem fóra da campanha, morrem, e acabaõ; porque além de ficarem sem vida, ficaraõ sem nome, que o naõ mereceraõ: os nossos Soldados, que morreraõ na campanha, ainda que morreraõ, naõ acabaraõ; porque ainda que a morte lhes levou as vidas, naõ lhes levou os

os merecimentos, que lhes faráõ immortal a ſua fama. Bem ſey que a meſma maõ, que ſe poz da noſſa parte para caſtigar ao noſſo inimigo, tambem podia defender os que morreraõ daquelles golpes mortaes, que cóſtuma dar a fortuna; porém naõ quiz, e nos decretos livres de Deos naõ ſe buſca razaõ: reverenciemos com temor ſeus occultos juizos, que ſó elle ſabe o porque. O exercicio da guerra he hum jogo, em que raras vezes deixa de haver azar de ambas as partes: e reconheçamos por grande mercê de Deos naõ ſer ainda o noſſo mayor; porque ſendo taõ reforçado, e mais do que ſe cuidava, o objecto do noſſo empenho, podia ſer mais geral a deſgraça, ſe nos noſſos Soldados faltaſſe a magnanimidade, a confiança, a conſtancia, o ſofrimento, e a firmeza, que lhes quiz dar a fortaleza da maõ de Deos: *Dextera tua, Domine, magnificata eſt in fortitudine.*

O que eu quizera agora, valoroſos Portuguezes, era, que imprimiſſeis nos coraçoẽs aquella Ley de Deos, cuja voz ſe eſtá ouvindo no Deuteronomio: *Ne diceres in corde tuo: Fortitudo mea, & robur manus meæ, hæc mihi omnia præſtiterunt. Sed recorderis Domini Dei tui, quòd ipſe vires tibi præbuerit.* Naõ quer Deos, que os noſſos triunfos os attribuais ás proprias forças, ſenaõ á ſua protecçaõ. Aquelle orgulho, e arrogancia, com que naſceſtes, naõ vos faça eſquecer do Author das Victorias. Foraõ muy valentes

Deuter. c. 8. v. 17. 18.

lentes os golpes, que deraõ os vossos braços; mas beijay a maõ de Deos, e naõ a da vossa espada; porque a gloria do vosso vencimento naõ resultou das forças do vosso pulso; senaõ do poder da sua maõ. Quando David sahio a desafio contra aquelle terror fantastico das campanhas da Palestina, protestou primeiro, que Deos o havia de entregar na sua maõ, e que depois lhe havia de cortar a cabeça: *Dabit te Dominus in manu mea, & percutiam te.* De modo, que o argumento, que fez para o vencer, foy que Deos lho havia de entregar; porque naõ punha a sua confiança na pedra da funda, que atirava, senaõ na maõ de Deos, que a movia. Segurou o bom successo no beneficio da misericordia Divina, e ganhou a victoria ao Philisteo. Na mesma consideraçaõ a ganhasteis vós de quem presumia ser mayor gigante, e ganhareis muitas mais se á confiança em Deos ajuntardes a confiança em vós mesmos. Naõ cuideis que me contradigo. Alguns poem a sua confiança no seu braço, e na sua espada, mas naõ em si; vaõ muito confiados para a guerra, porque vaõ carregados de armas: isto he pôr a confiança nas armas, e naõ pôr em si a confiança. Os que confiaõ em si saõ os que vaõ mais leves, e descarregados das culpas; porque o peso destas dá com as armas, e com quem as leva por terra. Do grande peso das armas de Golias faz mençaõ o Sagrado Texto: mas quem derrubou todo aquelle

Lib. 1. Reg. c. 17. v. 46.

armazem de ferro, naõ foraõ as armas, foy o ſeu peccado, foy a ſua ſoberba. Quem quer que lhe naõ humilhem os brios, carregue-ſe muito embora de armas, mas leve deſcarregada a conſciencia. E tu, ó Goa, ſe queres fundar bem a eſperança da continuaçaõ das tuas victorias, faze que teus peccados as naõ deſmereçaõ. A emenda da vida, a reforma dos coſtumes, o arrependimento das culpas tambem ſaõ armas, que, juntas com as dos noſſos Soldados, naõ haverá valor, que naõ enfraqueça, nem inimigo, que naõ morra, nem Praça, que ſe naõ renda; que eſtes ſaõ os beneficios, que recebem os que ſahem vencedores da maõ poderoſa de Deos: *Dextera tua, Domine, magnificata eſt in fortitudine; dextera tua, Domine, percuſſit inimicum. Et in multitudine gloriæ tuæ depoſuiſti adverſarios tuos.*

Pelo que temos recebido na preſente occaſiaõ, Deos, e Senhor noſſo, proſtrados diante de voſſa Divina Mageſtade em profundas humildades vos damos as graças, em que pódem romper os noſſos affectos. Conhecemos que ſaõ muito deſiguaes á divida, em que nos poz o voſſo beneficio, e que delle fica ainda muy diſtante o noſſo agradecimento: mas contentai-vos com os extremos do noſſo deſejo; porque bem ſabeis, que ſendo as voſſas aras infinitamente ſoberanas, nunca o ſacrificio do noſſo louvor póde ſer taõ grande, que naõ fique ſempre na esfera de limitado. E ja que por ſinal de começarem a apparecer para nós as

voſſas

voſſas clemencias, e as voſſas antigas miſericordias, levantaſtes o interdicto nas noſſas venturas, para contarmos, e cantarmos as noſſas victorias; continuay, Senhor, day calor, day alento ás noſſas armas, lembrado de que eſcolheſtes aos Portuguezes taõ mimoſos do voſſo amor para trazerem debayxo dellas o voſſo nome a eſtas gentes taõ remotas, e taõ eſtranhas: day ſaude day vida, a quem as governa, e a quem as encommenda ao Propiciatorio da voſſa miſericordia; e toda a gloria, que reſultar, naõ ſeja noſſa, ſenaõ do voſſo Santiſſimo Nome: *Non nobis, Domine, non nobis, ſed nomini tuo da gloriam.*